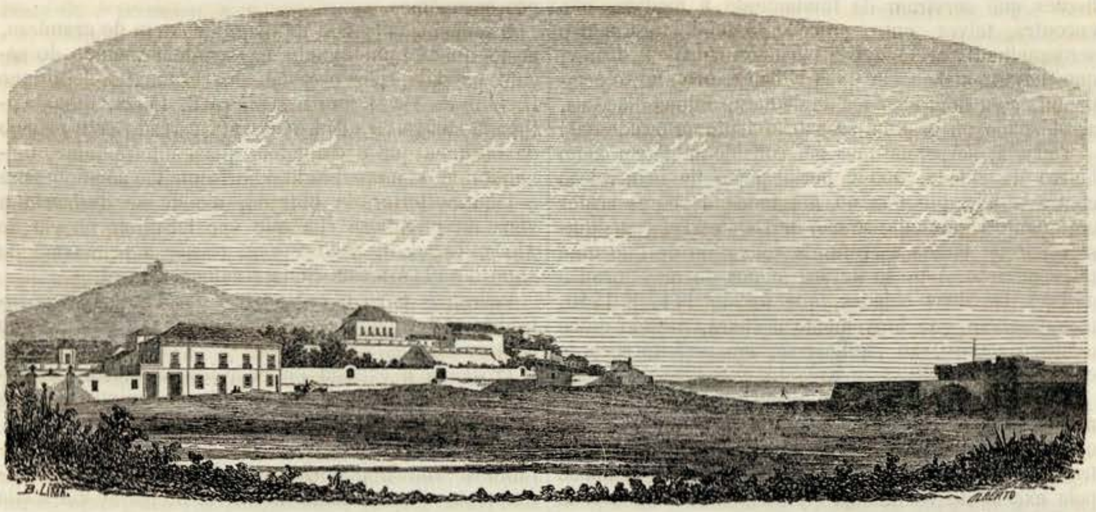


Paço de Caxias e forte de S. Bruno

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 333)

II

ARRABALDES DE OESTE

Pedroiços, S. José de Ribamar, Santa Catharina de Ribamar, Barcarena, Linda a Pastora, Linda a Velha, Carnaxide, Caxias, Laveiras e Boa Viagem.

Na primeira parte d'este capitulo, dedicada aos arrabaldes do norte, deixámos de fallar de muitas povoações suburbanas, porque não entra no plano d'esta obra tratar de todas, como uma chorographia, mas só d'aquellas que sobresaem por seus monumentos ou memorias historicas, por quaesquer edificios ou quintas notaveis, e por bellezas de situação ou curiosidades naturaes. Esta razão nos continuará a guiar nas digressões que vamos fazer pelos outros arrabaldes; porém, como não temos a presumpção de suppor que nos não escape alguma coisa digna de menção, devemos confessar que, em tal caso, não temos d'ella noticia, ou nos falhou a memoria.

Tambem nos julgâmos obrigados a dar aqui uma explicação por começarmos pelo logar de Pedroiços esta digressão, deixando Belem para traz, como bairro da cidade.

Todas as capitaes, e quaesquer grandes cidades, no seu progressivo e natural crescimento, vão absorvendo em si as povoações mais visinhas. Não é necessario citar exemplos de paizes estranhos; a nossa Lisboa de hoje é um aggregado de povoações que foram suburbios da Lisboa antiga. Quando esta rompeu a cinta de muros com que a apertaram os moiros, absorveu *Villa Verde*, *Villa Quente*, *Villa Nova de Gibraltar*, e outras povoações; e assim que não bastou para a conter a larga cêrca de muros del-rei D. Fernando, trasbordou por cima d'elles, e recebeu no seu recinto *Villa Nova d'Andrade*, e muitos outros logares que pouco antes eram arrabaldes.

O terremoto de 1755 foi causa de que uma grande parte dos habitantes se fossem abrigar em barracas de lona nos sitios visinhos á cidade, onde não havia edificações, nem ruinas por conseguinte. As barracas de lona foram em breve substituidas por outras mais commodas de madeira, e estas foram tambem a seu turno transformadas em casas de pedra e cal.

D'est'arte se encorporaram na cidade os suburbios de Buenos Ayres, d'Alcantara, grande porção do de Campolide, etc. Este ultimo nome estendia-se n'aquelle tempo até á cêrca do collegio dos jesuitas da Cotovia, hoje Eschola Polytechnica; e esta cêrca abrangia todo o terreno que ora vemos occupado com casaria desde o pateo do dito edificio até ao chafariz do Rato, construido por el-rei D. João v no angulo do muro da mesma cêrca. O sitio da Cotovia, depois chamado *Patriarchal Queimada*, e ao presente *Praça do Principe Real*, era, com as ruas adjacentes, logar ermo, onde raras edificações se viam.

Belem começou a povoar-se pela mesma occasião; porém o que trouxe mais rapido incremento á sua população, foi o estabelecimento definitivo da corte no alto d'Ajuda durante o resto do reinado del-rei D. José, e em quasi todo o da rainha D. Maria I. El-rei D. José annexou este arrabalde a Lisboa, creando por um decreto o bairro de Belem, e não fez isto para honrar o sitio onde tinha o seu paço, mas sim porque o suburbio, crescendo, se unira á cidade, e porque deixava presagiar, por circunstancias inherentes á sua situação, que no futuro se iria prendendo cada vez mais a Lisboa.

Foi isto exactamente o que se realisou. Belem cresceu durante aquella epocha e depois d'ella, não obstante a corte ver-se obrigada a deixar a residencia d'Ajuda pelo incendio do palacio real. Em nosso tempo veiu a guerra civil de 1833 constranger os moradores d'este bairro a abandonal-o, para se recolherem dentro das linhas de defesa, que não poderam abranger toda a cidade por falta de tropas para guarnecer tão extensa área. Acabada a lucta começou a povoar-se de novo aquelle bairro, e o que, desde então até hoje, tem crescido em edificios e população todos o vêem, e podem attestar. E assim ha de continuar a engrandecer-se, porque a experiencia de todos os tempos, e em todos os paizes, nos mostra que a tendencia natural das povoações no seu desenvolvimento é estenderem-se mais para oeste, pela razão obvia de que é sempre o lado mais alegre, pois que o allumiam com maior brilho nas ultimas horas do dia os resplendores do sol, declinando para o occaso.

Em taes circunstancias julgâmos desarrazoada a dis-

posição do decreto de 1852, que desannexou de Lisboa o bairro de Belem, fazendo d'elle um novo concelho. O facto, tão absurdo em si como nas razões fiscaes que serviram de fundamento á medida, não encontra, talvez, outro precedente na historia a não ser aquelle disparate legislativo do reinado de D. João v, que dividiu Lisboa em duas cidades, oriental, e occidental, com dois senados da camara, e duas dioceses, arcebispado na oriental, e patriarchado na occidental!

Todavia, se persistimos em considerar Belem como bairro da cidade, não é por espirito de insurreição contra a lei, que boa ou má todos devemos acatar em quanto legalmente se não derroga ou reforma; mas sim porque temos a profunda convicção de que uma tal separação, não só durará menos do que durou a divisão das duas cidades, que foi de 1717 a 1740, mas tambem que brevemente acabará, ficando então o nosso roteiro, ao publicar-se, em perfeito accordo com a lei.

Depois dos suburbios do norte, que se avantajam aos outros pela multiplicidade de boas casas de campo e de quintas formosas, são estes agora de que vamos tratar os mais bellos, se é que não tem a primazia pela excellente visinhança que lhes fazem as margens do Tejo, no sitio onde são mais pittorescas e animadas, e o rio mais sulcado de navios e barcos de toda a especie.

Deixando pois Belem com os seus templos monumentaes, com os seus logares historicos, e com os seus palacios e quintas reaes, chega-se ao sitio de *Pedroiços*. É uma povoação estendida ao longo da estrada da beiramar, em terreno plano, a qual pertence á freguezia de Santa Maria de Belem. Como aldeia não é bonita, pois que na sua maior extensão mais parece uma rua da cidade, e, posto que encerre algumas bellas residencias, a maioria das habitações é de mesquinha apparencia, o que se torna bem singular, e pouco airoso para Lisboa, sendo Pedroiços uma das suas principaes, ou talvez diriamos melhor chamando-lhe a principal estação de banhos do mar. N'esta qualidade é um sitio aprazivel pela muita concurrencia dos moradores da capital durante o outomno, e tambem por conter alguns passeios agradaveis, ou sejam pelas praias arenosas do Tejo, ou nas quintas visinhas. Além d'isto é notavel por um esbelto e rico monumento que ahi se ergue desde o principio do seculo XVI. É a *torre de S. Vicente de Belem*, formoso specimen da architectura militar gothico-florida. [1]

Aformosêam Pedroiços um elegante chafariz modernamente construido, e as *quintas dos srs. marquez da Ribeira Grande, e duque de Cadaval*. A primeira é pequena mas bem arborisada, com uma casa nobre no meio do jardim. Está situada no centro da povoação, e foi fundada pela princeza D. Maria Benedicta, irmã da rainha D. Maria I, e viuva do principe D. José. A princeza legou-a por sua morte á condessa da Ribeira Grande, mãe do actual proprietario.

A segunda d'estas quintas é a principal residencia da familia de Cadaval, depois que o terremoto de 1755 lhe arruinou o seu palacio junto ao Rocio (Praça de D. Pedro), parte do qual ainda permanece dentro de um pateo com porta para a rua do Principe. A quinta é grande, e bella pelos arvoredos que a guarnecem, e pelas extensas e largas ruas que a cortam. A sua situação tambem é deliciosa, pois que, principiando na extremidade occidental do logar de Pedroiços, estende-se em terreno chão até acabar na margem esquerda do rio ou *ribeira de Algés*. Este pequeno rio nasce na serra de Monsanto, defronte do logar d'este mesmo nome; recebe no seu breve curso outro regato proximo de Outorella, e lança-se no Tejo junto ao forte da Conceição, onde tem uma ponte de pedra, feita em 1608, a qual está contigua á quinta de que nos occupâmos.

O palacio nada tem de magnifico nem de grandeza, posto que foi melhorado na segunda metade do seculo passado, por occasião do casamento do duque D. Luiz de Mello com a senhora D. Luiza, filha legitimada del-rei D. Pedro II. Está cercado este palacio de bosques que o escondem quasi inteiramente, deixando-lhe desassombrado o horisonte tão sómente para o lado posterior da entrada, d'onde se desfructa a vista da grandiosa rua que vae terminar no rio de Algés. El-rei D. João v veiu passar a primavera do anno de 1712 n'esta linda residencia ducal.

Pedroiços deve o ser ao uso dos banhos, cuja introducção é moderna. No principio do seculo passado contava apenas 23 casas.

Prosegue a estrada de Pedroiços a S. José de Ribamar, quasi sempre guarnecida de quintas e casas de campo.

S. José de Ribamar era um convento de frades arrabidos. Vamos historiar, em breves palavras, a introducção d'esta ordem em Portugal, por se dar n'ella a mui notavel circunstancia de que, sendo por seu instituto uma das mais pobres e de maior penitencia e austeridade de vida, foi chamada para habitar no mais vasto e magnifico edificio que se tem erigido n'este reino até aos nossos dias.

D. João de Lencastre, 1.º duque de Aveiro, era filho de D. Jorge de Lencastre, duque de Coimbra, e este era filho ligitimado del-rei D. João II. Tendo ido em romaria o duque D. João ao celebre sanctuario de Nossa Senhora de Guadalupe, na Estremadura hespanhola, pelos annos de 1539 ou 40, encontrou-se ahi com o veneravel padre fr. Martinho de Santa Maria, que no seculo se chamára D. Martinho de Benavides. Filho dos condes de Santo Estevão del Puerto, e descendente de D. Affonso VIII, rei de Castella e Leão, abandonára todas as grandezas para professar a regra de S. Francisco no convento de Carthagena, sua patria. Porém, não se julgando ainda bem afastado do mundo, meditava em ir viver vida penitente e solitaria em alguma aspera serrania. Foi este pensamento, de envolta com a devoção á Virgem Maria, que o levou ao templo e mosteiro de Nossa Senhora de Guadalupe, edificados no meio da fragosa serra do mesmo nome.

Communicando, pois, fr. Martinho a sua resolução ao duque de Aveiro, de quem era parente, convidou-o este, e instou com elle, para que viesse pôr em pratica a sua idéa na serra da Arrabida, proximo de Setubal, onde o duque tinha propriedades. Acceitou fr. Martinho; e, obtida licença do seu prelado, veiu estabelecer-se na dita serra, junto de uma ermida da invocação de Nossa Senhora da Arrabida, da qual o duque lhe fez doação. No principio teve comsigo um companheiro, depois teve mais, e entre elles S. Pedro de Alcantara, porque a ermidinha transformára-se em templo de um convento, cujas cellas eram grutas espalhadas pela montanha. Tal foi a origem da ordem intitulada *Provincia de Santa Maria da Arrabida*, instituida por frei Martinho, e que tendo por berço as penedias e mattos de uma serra, veiu a ter por ultima habitação, que se lhe fundou n'este reino, o sumptuoso convento de Mafra.

Os nomes illustres, associados á instituição d'esta ordem, e as virtudes em que resplandeceram os primeiros eremitas da serra da Arrabida, foram causa de que muitas pessoas da mais qualificada nobreza se apressassem a fundar-lhe novos conventos, de modo que antes de terminar o seculo que a viu principiar, contava a ordem n'este reino quatorze conventos e tres hospicios.

[1] Vid. pag. 405 do vol. II, e 313 do vol, IV. Tratámos d'esta torre, que além de monumento artistico, figura por vezes em a nossa historia como prisão de estado de pessoas eminentes, em um capitulo especial do nosso roteiro dedicado ás fortalezas, e obras de fortificação da cidade.

D'aquelles conventos foi o quarto na serie das fundações o de *S. José de Ribamar*, edificado em 1559 por D. Francisco de Gusmão, e sua mulher D. Joanna de Blasvelt, o primeiro, mordomo-mór da infanta D. Maria, filha del-rei D. Manuel, e a segunda, aia da mesma princeza. Da situação do edificio, em cima de uma collina sobranceira ao Tejo, se originou o nome de *Ribamar*. Tanto o convento como a egreja eram pequenos, e tão mesquinhos na sua primeira fabrica, que precisaram de ser reconstruidos em 1595, e depois d'esta ainda tiveram pelo tempo adiante outras reedificações parciaes com alguns melhoramentos.

Todavia, apesar de pequeno e pobre, desfructou este convento honras singulares. O cardeal rei D. Henrique mandou construir junto á capella-mór da egreja um edificio com tres salas, onde ia de vez em quando passar alguns dias em convivencia com os frades. A rainha de Inglaterra, D. Catharina, viuva de Carlos II, e filha do nosso rei D. João IV, frequentava muito esta casa de oração, e gostava de jantar lá, ou merendar, fazendo n'esse dia a despeza da comida para toda a communidade. D. João V, que teve decidida predilecção pelos frades arrabidos, ia pela manhã e á noite assistir ás rezas do coro, durante todo o tempo que residiu na quinta de Pedroiços, do duque de Cadaval, na primavera de 1712. E, finalmente, todos os annos, no dia da festa de S. Francisco, ia jantar com os frades no refeitorio, não consentindo que n'essa occassião lhe fizessem mais distincção do que a qualquer simples religioso.

A egreja possuia ricas alfaias, um quadro de S. José, mui celebrado, por dizer a tradição que era o retrato verdadeiro do santo, e varias joias de valor, dadivas da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, e de outras princezas, e fidalgas, que pegando-se com S. José para alcançarem successão, viram realisados os seus desejos.

Tambem era rica a egreja em memorias de pessoas illustres, muitas das quaes a escolheram para sua ultima morada, não obstante terem jazigo proprio em outros templos. Estavam pois alli enterrados, além dos fundadores, D. João de Portugal, bispo de Lamego; D. Maria de Azevedo, condessa de Vimioso; D. Miguel de Portugal, e sua mulher, condes do mesmo titulo; D. Maria de Lencastre, condessa de Castello Melhor; D. Marianna de Vasconcellos, marqueza de Castello Melhor; D. Diogo da Silva, sexto conde de Portalegre, e seu irmão D. João da Silva, capellão-mór de D. Filippe IV de Hespanha; Francisco de Tavora, conde de Alvôr; D. Juliana de Noronha, condessa de Aveiras; e outros mais.

Pois d'aquella pobreza e humildade do claustro, e d'estas grandezas do seculo, não restam mais do que memorias escriptas, e por isso aqui as consignâmos. O convento, com a sua cêrca bem arborisada, foi vendido logo depois da extincção das ordens religiosas; e em seu logar vemos dois grandes predios de casas, com varios andares, que se alugam no verão como sitio de bons ares e de alegres vistas do Tejo e do Oceano, e como estação de banhos do mar, por quanto aos pés do oiteiro em que assenta, dilata-se uma bella praia de branca areia, e limpa de pedras.

Proximo d'estas casas está um dos fortes da defensa maritima de Lisboa, com o nome de S. José de Ribamar. Tambem d'aqui segue um caminho para o interior, direito a *Barcarena*.

Esta povoação pertence ao concelho de Bellas; consta de 90 e tantos fogos com umas 320 almas, e egreja parochial da invocação de S. Pedro. Está edificada na raiz de varios montes, em terreno escabroso, e com horisontes mui limitados. Dista de Lisboa para o lado do noroeste 14 a 15 kilometros. Junto do logar corre a *ribeira de Barcarena*, que a pouca distancia faz trabalhar a *fabrica nacional de polvora*, fundada por el-rei D. Manuel.......... [1]

Voltando á estrada marginal do Tejo, pouco adiante do convento de que acima tratámos, existem umas ruinas no dorso de um monte que o rio banha. São os restos de outro convento de arrabidos, intitulado *Santa Catharina de Ribamar*. Este ainda era mais pequeno que o de S. José. Fundou-o no anno de 1551 a infanta D. Isabel, filha do duque de Bragança, D. Jaime, e então viuva do infante D. Duarte, duque de Guimarães, filho del-rei D. Manuel.

Fez-se a construcção no sitio onde havia uma ermida de remotas eras, dedicada a Santa Catharina. Era tal a antiguidade d'esta ermida, que diz D. Rodrigo da Cunha, arcebispo d'esta cidade, na sua *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, já existia no anno de 1171, sendo então egreja parochial, que tinha por freguezes não só os povos da margem do Tejo, mas até os moradores de Bemfica, de *Alvalade* (Campo Grande), do Lumiar, e dos logares intermedios. Por este modo foi a segunda parochia creada depois da conquista de Lisboa aos moiros, não fallando na sé. A primeira, como é sabido, foi a de Nossa Senhora dos Martyres. Ao tempo da fundação da infanta D. Isabel já a ermida estava desapossada das suas regalias de parochia, e annexa á egreja de Santa Cruz do Castello, de Lisboa. Tinha sido transferida a freguezia para a egreja de S. Romão de Carnaxide.

Fôra o convento tão mal construido, que no fim d'esse mesmo seculo XVI ameaçava ruina. D'esta vez poderam reparal-o; porém passados pouco mais de trinta annos viram-se os frades obrigados a abandonal-o, e não tardou a ser um montão de ruinas. Valeu-lhes n'este aperto Diogo Lopes de Sousa, segundo conde de Miranda, edificando-lhes novo convento proximo do antigo, e tambem a cavalleiro do Tejo, no anno de 1634.

N'este convento tinham o seu jazigo os condes de Miranda, depois marquezes de Arronches, e ultimamente duques de Lafões, achando-se entre elles o senhor D. Miguel, filho legitimado del-rei D. Pedro II, e que foi casado com D. Luiza Casimira de Sousa, herdeira da casa dos marquezes de Arronches, e primeira duqueza de Lafões.

O edificio do convento não foi mais afortunado na segunda fundação do que o fôra na primeira. Ainda não era passado muito tempo depois da extincção das ordens religiosas, e já caía em ruinas.

Pouco além de Santa Catharina de Ribamar está um sitio chamado o *Dáfundo*, baixo, porém muito aprazivel, porque de um lado acompanham a estrada as praias do Tejo, resplandecentes de alvura, e do outro guarnecem-n'a tres casas de campo e duas lindas quintas, de cujos muros se debruçam arvores que vem contender com as que orlam a mesma estrada. Uma das tres casas é propriedade dos marquezes de Castello Melhor. Não tem quinta, mas suppre-lhe de algum modo a falta d'ella um grande terrado com dilatada vista de mar. As duas outras casas são de mais nobre prospecto, e ficam rodeadas de jardins, ou dos arvoredos das quintas. A primeira é dos herdeiros do sr. Estevão Palha de Faria Gião. De um jardim situado em uma posição muito superior á casa, desfructa-se um panorama encantador. A segunda foi fundada pelo negociante da praça de Lisboa, Luiz Monteiro, e agora pertence ao sr. Gaspar José Vianna.

O *Dáfundo* é sitio muito concorrido dos habitantes de Lisboa, como logar de repoiso e de refeição no fim de um passeio campestre, ou na volta de uma caçada ou pescaria. Para este effeito tem uma casa de pasto, ainda que em edificio acanhado.

[1] Supprimimos esta parte do roteiro, porque a pag. 392 acharão os leitores uma noticia bem historiada da fabrica da polvora de Barcarena.

D'aqui segue a estrada, subindo além uma calçada, e descendo logo depois para o logar da

Cruz Quebrada. É uma pequena povoação composta de algumas poucas casas á beira da estrada, pertencente á freguezia de S. Romão de Carnaxide, concelho de Oeiras. Tem duas fabricas de cortumes, e um forte denominado da *Cruz Quebrada*. Está construido este logar na extremidade de um valle, onde corre a ribeira de Jamôr, que ahi entra no Tejo por baixo de uma ponte de pedra.

Descobrem-se d'este logar para o norte *Linda a Pastora*, *Linda a Velha* e *Carnaxide;* todas tres mui graciosa e pittorescamente sentadas em terreno accidentado, e cercadas de pomares, prados e collinas bem cultivados. As duas primeiras eram chamadas outr'ora *Ninha a Pastora* e *Ninha a Velha*. É com este nome que se acham designadas em os nossos livros antigos, e ainda nos do seculo passado. A origem d'estes nomes é um conto de fadas, d'esses que os paes narravam aos filhos á lareira, e que assim se transmittiam de geração em geração, repassados de poesia, e symbolisando as crenças vivas e o viver singelo dos nossos antepassados. Agora já é raro encontrar quem conserve na memoria essas lendas e tradições populares, e mais raro ainda quem se preste a contal-as, taes quaes as recebem de seus maiores. [1]

O logar de Carnaxide está situado a 11 ou 12 kilometros de Lisboa para o noroeste, em sitio fragoso e cortado de ribeiras. Consta de cento quarenta e tantos fogos, com uns quinhentos e cincoenta moradores. A egreja parochial é consagrada, como acima dissemos, a *S. Romão*. É muito abundante de excellentes aguas toda esta freguezia, o que a faz agradavel e em alguns sitios cheia de verdores. As principaes ribeiras que a cortam e fertilisam são o rio de Algés e o de Jamôr.

Ha aqui uma curiosidade natural, a que veiu juntar-se uma lenda religiosa, que deu celebridade em todo o reino ao logar de Carnaxide. É a gruta em que appareceu a pequenina imagem da Virgem, que se venera na sé de Lisboa sob a invocação de *Nossa Senhora da Rocha*.

Está situada a gruta nas visinhanças da povoação, e abre-se em uma rocha banhada pelo rio Jamôr. Transcreveremos a descripção que d'ella faz fr. Claudio da Conceição no vol. IX do seu *Gabinete Historico*, escripto logo depois do auctor ter visitado a dita lapa:

«Divulgada a descoberta, concorreu logo muita gente a ver a tal lapa; e, na verdade, era ella digna de se ver, porque, sendo tudo obra da natureza, era perfeita no seu genero. Entrava-se por uma abertura que tinha até á porta que dava entrada para a lapa, quinze palmos de comprido e tres e meio de largo. A porta tinha uma verga de pedra negra de dois palmos de largo, e de comprido tres e meio. Entrava-se em uma lapa de figura quasi oval, onde cabiam oitenta homens. Tinha desde a entrada da porta até á parede fronteira vinte e oito palmos de comprido, e de largo vinte e quatro. Entrando a lapa, ficava á mão esquerda, no fundo da parede, uma concavidade por modo de cascata com varias pedras umas sobre outras, que, vistas com luzes, representavam aos olhos de cada um varias figuras; a mim só se me representou duas cabeças de pedra feitas pela natureza, uma branca, outra preta. Fronteiro a este vão, á direita de quem entrava, tinha outro vão na parede de cinco palmos e meio de fundo, e quatro de largo, onde se achou um pote quebrado, e varios pedaços de loiça. A lapa era tudo uma rocha unida a outra, bem no meio d'ella fazia um intervallo de largura de seis palmos, e de altura, desde o chão até ao ultimo remate dezeseis. Toda a rocha era de pedra liós branco rustico, tudo feito pela natureza. Tinham as duas rochas que formavam a casa, em roda, nove palmos».

A lenda religiosa é simples e breve:

Na manhã do dia 28 de maio de 1822 andavam uns rapazes a brincar nas margens do Jamôr, em um casal chamado da *Rocha*, por causa da penedia que ahi se levanta junto ao rio. Vendo um dos rapazes, a pouca distancia, saltar um melro de pedra em pedra, e julgando que, por estar ferido de algum caçador, não podia voar, correu sobre elle, e correram tambem os seus companheiros. O melro, sentindo-se perseguido, soltou o vôo e desappareceu. Porém, ao estrepito que os rapazes fizeram na carreira, surdiu um coelho de entre uma balsa, deitando a fugir para o lado do rio; e eil-os lá vão atraz do pobre animal, correndo quanto podiam. Escapou-se-lhes o coelho, mettendo-se por uma fendasinha das rochas sobranceiras ao rio. Apenas cabia pela fenda uma cadella, que a muito custo fizeram entrar, ainda que em vão, mas nem por isso desistiram da empreza. Foram buscar instrumentos e uma lanterna, e tanto bateram na rocha, e tanto cavaram na raiz d'ella, que a final poderam fazer uma abertura, por onde conseguiram penetrar, indo de gatas. Auxiliados pela luz da lanterna, viram-se, com grande assombro seu, no meio de uma grande lapa, tal como a deixâmos acima descripta. Passados os primeiros momentos da admiração, começaram a procurar o coelho, e, levantando uma lage, acharam debaixo d'ella duas caveiras, depois varios ossos humanos espalhados pela gruta, e finalmente apanharam o coelho muito cosido com a parede.

Divulgada a nova descoberta, principiou a concorrer gente á lapa para admirar as maravilhas da natureza. Foi durante estas visitas que Manuel Placido, natural de Carnaxide, estando na lapa com outras pessoas no dia 31 do mesmo mez de maio, descobriu sobre umas pedras uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, pequenina, feita de barro, e com manto de seda muito velho. N'essa noite, ou no dia seguinte, foi roubada a imagem. Procedeu-se a uma devassa judicial, mas ao cabo de muitas diligencias baldadas, appareceu a Senhora no dia 4 de junho sobre uma oliveira pouco distante da gruta. Por ordem da auctoridade foi levada a imagem para a gruta, e ahi alluminada e guardada.

Desde então a concurrencia foi cada vez a mais, não só dos logares visinhos, mas tambem de Lisboa, e de muitas outras terras da Estremadura. Aquelle sitio deserto transformou-se n'um immenso povoado, onde se viam representadas diaria e promiscuamente todas as classes da sociedade. Era um grande arraial permanente, composto de operarios, artistas, lavradores, desembargadores, militares, padres, bispos, prelados das ordens religiosas, titulares e ministros de estado. Em breve desappareceu a oliveira, porque todos iam levando como reliquia, primeiro os ramos e depois o tronco, que aos bocadinhos o foram cortando até ao extremo da raiz. E tambem em breve se encheu a lapa das offerendas dos devotos, em joias, cera e dinheiro, chegando este em pouco tempo a dois contos de réis.

Por portaria de 27 de julho mandou el-rei D. João VI, que a imagem, á qual se dera o titulo de *Nossa Senhora da Rocha*, fosse conduzida para a sé de Lisboa, o que se effeituou com extraordinaria pompa no dia 5 de agosto, collocando-se no altar de Nossa Senhora a Grande. Não esfriou a devoção com a mudança da imagem. As offertas de joias, em que tomou parte a familia real, e as esmolas em dinheiro, continuaram a affluir por tal modo ao cofre da Senhora, que se projectou a construcção de um templo no

[1] Referiremos brevemente aos nossos leitores o conto popular de Ninha a Pastora, e Ninha a Velha, pois que tivemos a fortuna de o ouvir dos labios ingenuos de um velho aldeão, que nol-o contou, intimamente convencido da veracidade do facto.

proprio logar em que apparecêra a santa imagem. Começaram pois as obras com muito ardor, e assim progrediram por algum tempo, até que pararam, ficando no estado em que as mostra a nossa gravura.

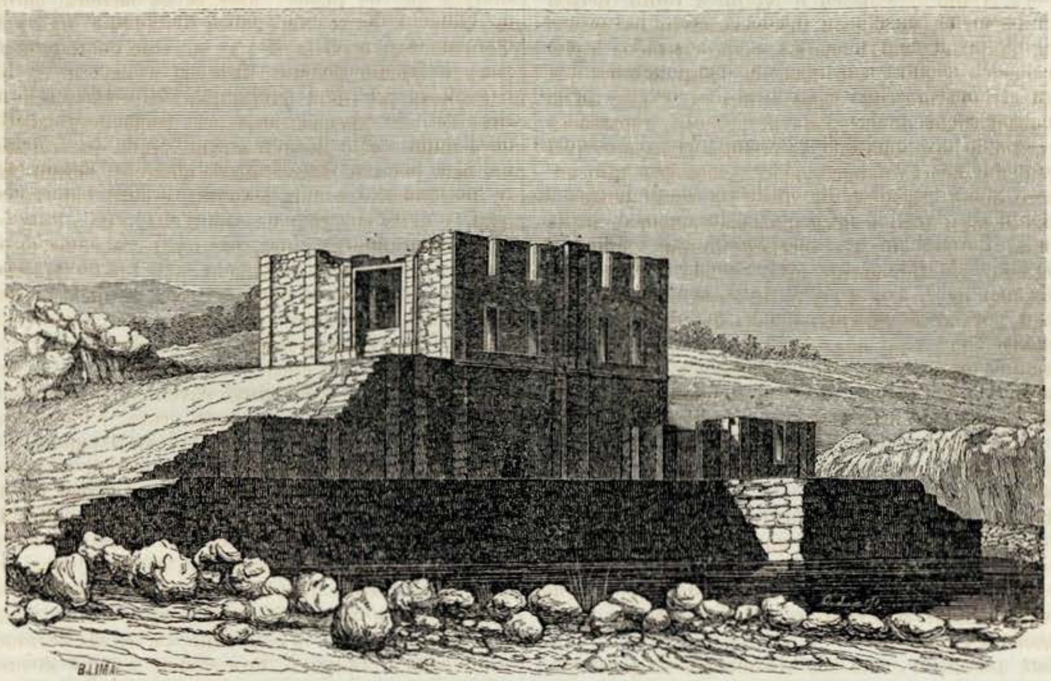
Quanto á gruta, mandou o governo tapar-lhe a entrada com pedra e cal, e como logo depois o povo de Carnaxide, desgostoso por lhe levarem a imagem, desfizesse o muro, e collocasse na lapa um registo da Senhora, accendendo-lhe luzes, e cantando-lhe ladainhas, foi por nova ordem del-rei entulhada de pedras parte da lapa, e reedificado com mais segurança o muro que lhe vedava a entrada. Assim ficou outra vez sepultada uma curiosidade digna de ser vista.

(Continua) I. de Vilhena Barbosa.

HISTORIA DE UMA VENDEDEIRA

II

Guilherme tinha um parente chamado Bill, homem de paz e de paciencia, cuja vida era toda dedicada á pratica de boas obras de caridade. Fundára em Brooklin (que é um annexo, ou, para melhor dizer, um bairro de Nova-York separado da grande cidade por um braço do rio de Léste), um estabelecimento industrial, semi-eschola e semi-hospicio, refugio hospitaleiro em todo o caso, onde recolhia crianças e adultos que iam ter com elle, e que convertia com o trabalho e com a moral. Nos Estados-Unidos exerce-se a caridade assim



Egreja por acabar de Nossa Senhora da Rocha

por meio de propaganda e de institutos em grande escala. Havia cinco annos que M. Bill se consagrára a esta obra piedosa, de que tinha colhido já alguns resultados bons; as decepções mesmo que experimentára, não tinham feito com que se desgostasse da sua empreza.

Benton contou a Bill o seu encontro do dia antecedente, e as esperanças que tinha no caracter e nos sentimentos de Dolly. Bill offereceu-se naturalmente para continuar o que Guilherme começára. Foram, por conseguinte, ambos á casa no bairro dos Cinco-Pontos, e subiram ao quarto onde se tinham passado as scenas que já referimos.

Entraram no momento em que Dolly se estorcia no monte de farrapos, não podendo resistir á chuva de pancadas que com tanta liberalidade lhe estava applicando a furiosa prima. Mal que viu Guilherme, Dolly levantou-se e correu para elle, gritando:

— Diga-lhe que é verdade, meu senhor, roubaram-me o dollar que o senhor me deu, e veja que de pancadas me tem dado minha prima!

Benton e Bill esqueceram-se do infecto e horrivel aspecto d'aquelle immundo receptaculo, para se compadecerem da sorte da desditosa Dolly. Fizeram calar a prima, que já ia começando uma ladainha de injurias contra a pequena e contra os que a protegiam.

— Nós levâmos esta criança comnosco.

— Para onde? — resmungou a prima.

— Que lhe importa? Basta-lhe saber que não lhe põe mais a vista em cima.

— Não tornar a ver a minha Dolly! — exclamou a furia: a minha filha, a minha consolação!

E apertou com sincera ternura contra o coração a criança, que, com as lagrimas nos olhos, passou os braços á roda do pescoço de sua prima. Recebi-a das mãos de sua mãe moribunda, criei-a, amo-a, cuido n'ella; não é verdade, minha Dolly? Não é verdade que te quero muito?

Bill conhecia assás bem o coração humano, para que participasse do pasmo de Guilherme ao ver esta transformação terna da prima Hartman. Ha momentos supremos na vida, em que o coração desperta na mesma hora em que se quebram os laços que trouxeram duas existencias ligadas uma á outra. As creaturas mais vis, mais abatidas, mais malevolas, tem estas reviravoltas subitas, estas lufadas de sentimento, que, por assim dizer, se levantam de repente, e exhalam-se do coração em perfumes. Tanto os tyrannos, como as victimas da vida particular, experimentaram na hora que dissemos as mesmas commoções. Bill não se admirou, pois, nem do enternecimento da prima, nem da sensação de Dolly ao pensar n'esta separação para toda a vida. Uma d'ellas tinha-se esquecido dos maus tratamentos que estava applicando tão ferozmente: a outra do que tinha padecido com tantas dores.

— Meus senhores, bradou a prima, prometto que lhe não bato mais; de ora em diante hei de fazer-lhe muitas festas, muitas caricias, como agora, exactamente. Tu não me queres deixar, não é assim, Dolly? Tu bem sabes como eu te amo! Para onde te pretenderão levar, minha querida filha! Talvez para alguma prisão, talvez te queiram tratar como vagabunda! Mas não, não, não me has de deixar!

Dolly, com a cabeça escondida no seio de sua prima, tinha perdoado já, não só as violencias de que era victima todos os dias, mas ainda aquellas de que conservava crueis e recentes vestigios nos braços, nos hombros e nas faces. Chorára a pobre criança, e respondeu ao appêllo de sua prima para o seu coração, declarando que a não abandonava.

— Mas tinha-me promettido, disse Guilherme, seguir os meus conselhos e obedecer ás minhas ordens.

Dolly levou com uma das mãos aos olhos a sáia, e estendeu a outra a Guilherme, que puxou a criança para si; mas a prima agarrou-se-lhe ao outro braço, e entrou a exclamar:

— Então foges-me, Dolly? Desamparas-me! Não quero que me deixes.

— Ora vamos, disse-lhe Bill, conseguindo a custo desprender o vestido da pequena dos dedos da prima, que se lhe tinham agarrado; tenha juizo. Que destino tem dado, que destino pretende dar a esta criança? O de mendigar! Pobre creaturinha, condemnada a arrastar por essas ruas a mais triste, a mais horrivel de todas as existencias! Entregue-nos essa criança. Se a estima devéras, deve alegrar-se por ver que vae entrar n'uma carreira em que se ha de fazer uma rapariga laboriosa e honesta. Promette que não lhe bate mais? Porém ámanhã esquece-lhe a promessa que fez hoje, e torna a dar-lhe pancadas. Apresente-se em minha casa decentemente, convenientemente, com bons sentimentos, e então lhe darei licença para ver Dolly quantas vezes quizer.

— Duvido, accrescentou Benton com vivacidade, que possa tirar algum proveito da industria vergonhosa em que tem empregado esta criança; entretanto aqui tem cincoenta dollars para a indemnisar do que póde imaginar que perde, não continuando ella a vender papas de milho.

A prima, que não parecia ter prestado attenção de maior á logica de Bill, mostrou-se muito mais sensivel ao argumento supremo de Guilherme. Olhou para o rapaz com uma especie de admiração e desconfiança, que logo cessaram com a vista das duas notas do banco de vinte e cinco dollars cada uma, e arrancou-as quasi da mão de Guilherme, que lh'as estendia. Assim como passára, com a rapidez do raio, da sua furiosa colera contra Dolly a uma expansão de ternura vivissima, assim esqueceu o seu phrenetico desejo de conservar a rapariga junto de si, para se entregar aos sonhos de toda a especie que lhe suggeriam a vista e o contacto dos cincoenta dollars. Estas variações, e esta mobilidade de sentimentos, são demasiadamente frequentes nas naturezas incultas e embrutecidas; não devem, pois, admirar.

Estava Dolly, por conseguinte, entregue a Benton.

— Fizeste mal, disse Bill ao seu parente, em dar de uma vez os cincoenta dollars áquella desgraçada. Que destino irão elles ter?

A prima Hartman, que ouvíra estas palavras, apesar de terem sido pronunciadas em voz baixa, recuou dois passos, e escondeu atraz das costas as notas que estava examinando então por todos os lados. Este movimento fôra executado com energia e promptidão taes, que indicavam bem a resolução em que estava de defender heroicamente a sua fortuna.

Deixal-o, disse Guilherme. Não me importa saber o que essa mulher fará ou não; o que me preoccupa mais é assegurar o futuro de Dolly.

— Podem leval-a comsigo, tornou a prima, já que me dão a certeza de a tratarem bem, e de a educarem como rapariga honesta; já me não queixo, já não choro. Seja a minha Dolly feliz, que n'isso consistirá tambem a minha felicidade.

Não havia cynismo na accentuação com que pronunciára aquellas palavras inspiradas pela satisfação da sua odiosa avidez. Dissera-as com tal naturalidade, que bem parecia estar fallando sinceramente, e com o coração nas mãos.

— Em quanto aos cincoenta dollars, continuou, não receie que eu faça mau uso d'elles. Talvez esteja n'elles o poder de me tornar outra vez mulher de bem.

Deus a oiça, murmurou Bill, que terá Guilherme praticado hoje duas boas acções. As despedidas de Dolly e de sua prima foram muito menos dolorosas do que era de esperar, em vista do que se passára quando os dois estranhos chegaram. Duas horas depois, Dolly Geerts tomava logar em casa de Bill. E para não termos que fallar outra vez na prima Hartman, diremos desde já, que os cincoenta dollars de Benton não a tornaram mulher de bem, porque todos os sentimentos de honestidade tinham desapparecido para sempre n'aquella desgraçada creatura; bem pelo contrario, precipitaram-lhe a morte. Morreu de embriaguez no seu miseravel covil, em cima de um monte de trapos, que já nem sequer renovava, com muito desprazer dos macacos seus companheiros de residencia.

III

Outras scenas, mais risonhas e mais tristes ao mesmo tempo, vão passar-se agora.

Benton tivera que sujeitar-se á lei commum para todos os rapazes, mesmo para os que pertencem ás familias mais opulentas dos Estados-Unidos. Como a fortuna n'este paiz provém sempre do trabalho, é extremamente raro que os paes, consentindo embora que seus filhos levem vida regalada, não exijam d'elles que augmentem o patrimonio trabalhando. Benton, pela natureza especial dos seus negocios, tivera que partir para Inglaterra, e d'ahi para a China. Havia seis annos que saíra de Nova-York, sem ter regressado ainda. Durante estes seis annos realisára Dolly quanto a elevação do seu coração e da sua intelligencia podia fazer esperar d'ella. Na casa industrial de M. Bill aprendêra tudo quanto póde alargar e desenvolver a alma de uma creatura, tudo quanto póde tambem ajudar uma mulher a atravessar, sem risco, a perigosa estrada da vida.

Dolly fizera-se costureira habilissima. Depois de ter estado quatro annos em casa de Bill, retirára-se, por morte d'elle, para uma casinha pequena e modesta n'um famoso bairro de Nova-York. Era tão encantadora, tão laboriosa e tão pontual, tão sincera e tão singela em suas alegrias, que as senhoras mais opulentas da cidade tinham prazer em a chamar para trabalhar aos dias (e o menor trabalho era muito bem remunerado), ou em subirem os muitos degraus da casa em que ella morava, para lhe encommendarem obra. Dolly era a costureira de Nova-York que tinha mais que fazer, posto que as elegantes e as pretenciosas não confessassem que os seus vestidos eram feitos por uma artista tão modesta, embora tão habil, e os attribuissem a duas ou tres modistas muito famigeradas, que iam ganhando com esta comedia, cujo segredo todos sabiam.

A mãe e as irmãs de Guilherme eram as unicas que tinham o bom gosto de confessar a sua predilecção por Dolly. Talvez que houvesse n'isto vontade de fazer lembrada uma acção boa de Guilherme. Acontecia entretanto, fosse por que fosse, que Dolly era mui bem recebida pela familia de Benton, onde havia sempre para ella hospitalidade plena e franca, como re-

compensa do seu trabalho, para um caso de penuria, que, felizmente, não se apresentára ainda.

Muitas familias americanas tratam estas operarias, que vão trabalhar fóra aos dias, como se fossem parentes, em quanto se mostram dignas d'isso pela sua educação, e pelo seu bom comportamento. Jantam e tomam chá quasi sempre á mesa com os donos da casa, o que se explica menos talvez pela pratica absoluta do principio da egualdade politica, do que pela muita consideração em que é tido n'aquelle paiz o trabalho, engrandecido pelo bom porte. Este facto verifica-se constantemente nos estados de léste e do norte, e n'estes ultimos, até os criados, que ás vezes recebem o titulo de ajudantes, comem ordinariamente á mesa com os patrões.

Além d'isso, Dolly estava no caso de parecer bem a qualquer mesa. Pela sua formosura, pelos encantos do seu espirito e intelligencia, pela modestia notavel de maneiras, Dolly rivalisava com as filhas das familias mais ricas e mais distinctas. Nenhuma d'ellas, talvez, seria capaz de trajar tão graciosamente os singelos vestidos a que a elegancia de sua pessoa dava um preço e um brilho extraordinarios. Áquella especie de selvageria e dureza provenientes da miseria e padecimentos physicos, que davam tão singular aspecto á sua physionomia, tinha-se succedido uma suavidade angelica; os seus olhares tinham uma placidez sympathica; os seus formosos cabellos negros, penteados em bandós, molduravam-lhe maravilhosamente o rosto, que era de uma pallidez deslumbrante.

Conforme já se disse, havia seis annos que Guilherme não voltava a Nova-York, e perto de um mez que o esperavam a cada hora em casa. Durante este tempo conservára-se Dolly em casa das senhoras Benton, para se achar presente n'este afortunado momento. Abusára tão pouco do privilegio que lhe tinham concedido, de encontrar sempre obra em casa d'aquella familia, que se julgou auctorisada a pedir um mez de trabalho, para não deixar aquelles tectos, onde ia ter logar uma festa tão agradavel, e na qual a pobre criança desejava tomar parte.

Cumpre dizel-o tambem, ao sentimento de gratidão que a inspirava, reunia-se tambem outro sentimento que lhe tinha florescido no coração. Dolly costumára-se a amar Guilherme com aquella familia, que, idolatrando-o, estava exaltando sempre aos ouvidos da rapariguinha as qualidades e virtudes do seu protector. E não fôra sem querer d'ella que esta affeição medrára; sentíra-a nascer, tinha-a protegido, tinha-lhe patenteado francamente a sua alma; só o que fizera fôra esconder á familia de Guilherme a natureza da sua affeição; só mostrára uma das origens mais conhecidas, a que procedia do reconhecimento. E acontecêra que, sentindo uma grande alegria com o regresso do seu bemfeitor, entristecia-se não poucas vezes lembrando-se que a sua affeição não seria correspondida, e que a volta do moço negociante a uma casa em que só encontrára até então sorrisos e festas, seria o principio e a causa de bastantes lagrimas e de bastantes decepções para ella.

Talvez os nossos leitores considerem Dolly excessivamente ambiciosa pelos sonhos que alimentava, e cuidem talvez que era por sua culpa que o amargor se misturava com as alegrias da sua nova posição. E realmente assim fôra para julgar, se a considerassemos debaixo do ponto de vista dos nossos costumes europeus, pelos quaes o desenlace que a costureira ambicionava é uma excepção ás regras da nossa sociedade; mas na America não acontece o mesmo; ahi a influencia das grandes leis da egualdade auctorisa estas allianças sem distincção de classe, com tanto que o homem ou a mulher, a quem o casamento eleva da pobreza ou da obscuridade á fortuna e ao esplendor de uma condição nova, a mereça pelo seu comportamento, ou pelas suas boas qualidades. Os mesmos motivos que fazem com que se não estranhe a admissão de uma operaria honesta e bem educada, distincta pelo seu coração e pela sua intelligencia, á mesa, e na intimidade de uma familia opulenta, são os que legitimam perfeitamente a ambição que essa mesma operaria póde nutrir, de se entroncar n'uma d'essas mesmas familias pela porta do casamento.

E seja dito de passagem n'este logar, que é este mesmo o maior obstaculo que encontram os escriptores americanos quando pretendem crear romances sociaes interessantes, em que a lucta entre o amor e a posição forneçam materia, como entre nós, para tantas ficções que impressionam, para tantas peripécias dramaticas. O que entre nós é regra commum, é excepção na America; como a excepção, nestes casos entre nós, póde considerar-se como regra geral n'aquella sociedade nova.

Entretanto, Dolly temia não encontrar em Benton correspondencia; e d'ahi receiava que por muito boa que até esse tempo tivesse sido para ella a familia Benton, não chegasse a benevolencia a ponto de lhe não dar uma repulsa que lhe feriria mais o seu amor do que a sua dignidade.

O pae do seu apaixonado tinha orgulho da sua fortuna, adquirida honradamente; e achava-se tão longe do ponto d'onde partíra, que facilmente se esquecêra do primeiro degrau da escada que tão alto o elevára. Era filho de um marinheiro desertor, e começára a sua vida sendo moço de fretes nas ruas de Nova-York; mas apesar d'isso, e contra o modo de pensar geralmente seguido, esquecia-se por vezes do respeito que merece a pobreza honrada, e apresentava theorias que confrangiam o coração de Dolly.

Mas por muito grande que fosse a fortuna de Benton, estava arriscada a soçobrar, como as fortunas maiores nos Estados-Unidos, de um momento para o outro. Além da crise commercial muito séria, que então pesava na America, as relações do pae de Guilherme com todos os paizes do mundo, expunham-no a soffrer, como muitas vezes acontecêra, tempestades inesperadas nos negocios, chegando mesmo a receber de differentes pontos noticias assustadoras. Estava longe porém a catastrophe com que Dolly sonhava ás vezes, bem no intimo do seu coração, fazendo do seu modesto quartosinho de trabalho uma especie de porto de refugio, onde os naufragos da fortuna estimariam bem chegar, como se fosse praia de salvação.

— É bem mal feito da minha parte, dizia ella comsigo mesma, pensar em um desenlace tão temivel. Envergonho-me por ser tão egoista, por desejar similhantes desgraças a pessoas que me estimam tanto. Não, soffra eu embora todas as humilhações imaginaveis, não posso admittir que o meu coração deseje ruina e lagrimas a tão excellente familia. E d'ahi não era Guilherme quem padecia primeiro! Quem sabe se elle será tão feliz commigo pobre, como sendo rico sem me possuir.

É verdade que os maus pensamentos não acudiam a Dolly senão quando Benton se mostrava mais orgulhoso diante d'ella; mas mudava immediatamente apenas uma palavra de bondade, um sorriso, uma caricia lhe vinham da esposa do negociante ou de suas filhas.

(Continua)

TORRE DE S. JULIÃO

(Conclusão. Vid. pag. 309)

É mui instructivo, e de primorosa leitura, o livro das suas *Vinte e cinco Prisões*, que nos deixou o sr. Adriano de Castilho, e de que já fizemos extracto no tocante aos carceres subterraneos da torre de S. Julião.

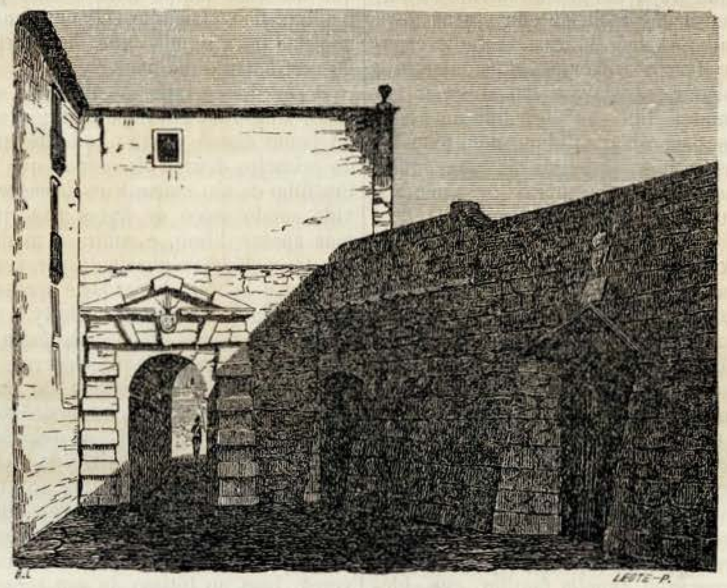
Mas, para se fazer perfeita idéa das sevicias que padeceram n'esta horrorosa prisão de estado, os constitucionaes que alli foram encerrados durante a usurpação de D. Miguel, é mister que se leiam os quatro tomos da historia de tão barbaro captiveiro, publicados por um dos presos que alli jazeram durante cinco annos, o fallecido academico João Baptista da Silva Lopes. No primeiro tomo vem a relação nominal dos 618 presos politicos que estiveram na torre desde 1828 até 1833, com os tratos e barbaridades que soffreram, sobre tudo em quanto foi governador d'aquella praça o atroz verdugo Joaquim Telles Jordão.

No mesmo volume se acham duas plantas: uma das prisões do revelim; e outra das da casamata que fica desenhada a pag. 309 d'este volume.

Confrontando-as nós com as que publicou o P. Kaulen em 1780, no jornal allemão de Murr, vemos que tanto as prisões do revelim como as da casamata, eram ainda as mesmas; com a differença que no tempo do marquez de Pombal, a que se refere Kaulen, apenas estiveram alli encarcerados 124 padres e irmãos da companhia de Jesus; e no tempo de D. Miguel subiu a 618 o numero dos presos politicos arrojados para aquellas masmorras!

Os fundamentos da torre de S. Julião foram lançados por el-rei D. João III; mas o cardeal Infante-D. Henrique, seu irmão, durante a regencia pela menoridade de seu sobrinho el-rei D. Sebastião, foi quem a edificou, segundo diz um auctor quasi contemporaneo, qual é o P. Balthasar Telles, na *Chronica da Companhia*. Encarecendo, como bom jesuita, o governo do cardeal-rei, diz que elle fizera coisas tão grandiosas, que menos bastavam para acreditar o nome de grandes monarchas, accrescentando:

«E só a famosa fortaleza de S. Gião, começada e continuada em grande parte por este magnifico principe (que é a principal chave não só de Lisboa mas do reino todo), bastava para eternisar a gloria de tal



Porta do Cardeal

auctor, servindo alli, na boca da barra, não sómente de columna de Hercules, que põe aos inimigos o termo de *non plus ultra*, mas tambem sendo padrão de eterna memoria, que ostenta a fama e immortalisa a gloria de quem a mandou fazer».

E ainda confirma esta assersão a porta chamada do Cardeal (desenhada na estampa junta), que era então a principal da fortaleza, e tem, sobre o escudo das quinas, as settas de que usava el-rei D. Sebastião, em cujo reinado, sendo menor, fez D. Henrique esta grande torre maritima.

Filippe II, quando usurpou a coroa portugueza, continuou as obras d'esta fortificação, o que testifica o brazão de armas de Portugal e Castella que ainda se vê esculpido sobre a porta do revelim.

D. João IV incluiu a torre de S. Julião no plano da defesa do reino contra as armas hespanholas, ampliando o recinto da praça para o lado meridional; e concluiu o revelim, como declara a seguinte lapide, que está debaixo do escudo d'aquelle monarcha, sobre a porta que egualmente desenha a nossa gravura, e diz assim:

«*O Serenissimo Rei de Portugal, D. João* IV, *de gloriosa memoria, mandou fazer esta fortificação á ordem do conde de Cantanhede, D. Antonio Luiz de Menezes, sendo dos seus conselhos d'Estado e da Guerra, Veador da Fasenda e governador das armas de Cascaes, a cujo cargo está a fortificação da barra de Lisboa. Anno de* 1650.

Esta fortaleza historica estava caída em ruinas, e mascarada com aposentos e resguardos conducentes ao destino que tivera de prisão de estado, até que, sendo nomeado governador d'aquella praça o general barão da Batalha, se empenhou em restaural-a, reparando os baluartes, desentulhando os terraplenos, avivando as memorias e lapides antigas, e esculpindo-lhe novas inscripções.

Antes de tudo cuidou o nobre general de glorificar e perpetuar a memoria da primeira victima das luctas da liberdade, fazendo gravar sobre a porta da prisão do general Gomes Freire, em concisos versos, a apologia das suas virtudes e heroicidade, pranteando ao mesmo tempo o infando castigo com que lhe tiraram a vida. No proprio sitio onde Gomes Freire padeceu o ultimo supplicio, mandou erigir o sr. barão da Batalha, para desaggravo de tão inaudito opprobrio, o singelo monumento de que já démos cópia na gravura que se vê a pag. 285 d'este volume.

Entre as muitas obras que alli fez o general Cabreira, é digna de mencionar-se a do baluarte denominado de D. Maria II, onde se deve inaugurar uma columna com a effigie da mesma soberana, a expensas de subscripções promovidas pelo mesmo general.

Lisboa — Typographia de Castro Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.